

21/11/2011 08h55 - Atualizado em 24/11/2011 18h35

Entrevista: Anna Maria Balogh analisa séries e minisséries brasileiras

Especialista em linguagem audiovisual fala sobre as transformações nas produções televisivas

[imprimir](#)



Anna Maria Balogh é especialista na área de linguagem audiovisual

Autora de diversos livros sobre Linguagem e Comunicação e professora titular da Pós-Graduação da Universidade Paulista, Anna Maria Balogh dedicou grande parte de sua vida acadêmica a pesquisas realizadas no departamento de Cinema, Rádio e TV da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP), onde lecionou por 25 anos.

Referência na área de linguagem audiovisual, Balogh analisa séries e minisséries brasileiras e suas peculiaridades. Produções como Dalva e Herivelto, Aline, Som e Fúria e Na Forma da Lei são objetos de estudo da pesquisadora, que conversou com o [Globo Universidade](#).

Globo Universidade - Durante sua trajetória como pesquisadora, você fez incursões pelo Cinema e pela Literatura. Pode nos contar como surgiu seu interesse pela televisão?

Anna Maria Balogh - Minha trajetória acadêmica teve início no departamento de Cinema, Rádio e TV da Universidade de São Paulo (USP) e, naquela época, o cinema recebia mais atenção dos

pesquisadores, por se tratar de um meio de comunicação mais tradicional. Mas a importância da televisão no Brasil, como afirma o teórico da comunicação Armand Mattelart, é muito forte e não pode ser ignorada. Este assunto passou a ser muito discutido entre pesquisadores e profissionais do mercado e, a partir destas discussões, surgiu o Núcleo de Pesquisa de Telenovela da USP, em um momento de grande ebulição das artes visuais.

GU - No Brasil, o cinema e a TV dialogam, por exemplo, através de produtos da TV Globo (O Auto da Compadecida, a minissérie e o filme, exemplificam isso). Como você vê esta aproximação entre os gêneros?

AMB - Vejo como uma coisa muito desejável. A aproximação entre mídias é forte em alguns países, como a RAI e o cinema na Itália. E permite experimentações fantásticas em termos de linguagem, de narrativa e de ritmo dos produtos finais. O Auto da Compadecida foi um marco nesse sentido.

GU - Quais são suas principais linhas de pesquisa atualmente?

AMB - Atualmente, participo de uma pesquisa que compara a linguagem das Artes Plásticas com a do cinema e a da televisão, intitulada "Percurso do Olhar". Ao longo da minha trajetória acadêmica, estive envolvida em vários estudos que resultaram em livros, como Conjunções, Disjunções e Transmutações (Editora Annablume, 2ª Edição revisada e aumentada, 2005), O discurso ficcional na TV (Edusp, 2002), Mídia, Cultura, Comunicação (Editora Arte e Ciência, 2002) em co-autoria com colegas da Universidade Paulista (UNIP) e vários capítulos de livros nacionais e internacionais. As obras são frutos dos meus estudos na área de Letras e de Comunicação, especialmente cinema, TV e linguagens visuais em geral. Também realizei uma longa pesquisa sobre cinema e em minisséries de TV com ênfase em personagens femininos.

GU - Em seu artigo, você fala sobre um modelo de séries e minisséries estabelecido na televisão brasileira. Como ele é caracterizado? O que propiciou a permanência deste modelo até os dias atuais?

AMB - Uma característica notável nas séries e minisséries mais antigas e adaptadas de obras de grandes escritores é o profundo respeito ao texto. Por exemplo, o livro Primo Basílio, de Eça de Queiroz, foi adaptado para a TV em 1988, por Daniel Filho. O diretor realizou uma minissérie completamente fiel à obra. Já a adaptação, em 2001, de Os Maias, outro livro de Eça de Queiroz, por Maria Adelaide Amaral, foi mais livre, incorporou além da obra título, fragmentos de outras obras do autor. Em vez de considerar o texto original como "todo poderoso", a obra passa a ser vista como um mosaico de possibilidades ou fragmentos que podem ser adaptados à linguagem televisual. Este modelo de fragmentação se aproxima à arte e à sociedade contemporâneas. A realidade muda e as obras acabam mudando também.

GU - O que diferencia séries, minisséries e sitcoms?

AMB - O conceito de gênero e formato é muito mais fluido na televisão do que na literatura, então não podemos afirmar que um gênero obedeça, rigorosamente, sempre às mesmas características. O termo série é mais genérico. Nos Estados Unidos, existem séries que duram muitos anos, como Dallas ou Dinastia. No Brasil as séries são mais dinâmicas e mais breves. As minisséries costumam ter uma característica autoral mais marcada, uma clausura poética do texto, um grande esmero de produção e realização, uma pesquisa contundente de fonte, sobretudo nas minisséries de painéis históricos. A minissérie Um Só Coração (com roteiro de Maria Adelaide Amaral e Alcides Nogueira, de 2004) é um exemplo disso, em que se entrelaçam todas essas características ao retratar importantes personagens da cena artística e cultural de São Paulo por ocasião dos festejos comemorativos dos 450 anos da cidade. A adaptação de grandes obras literárias também é um traço marcante das minisséries. Sobretudo a adaptação de clássicos confere às minisséries uma aura de prestígio. As minisséries por sua vez, promovem um aumento nas vendas das obras originais. Os sitcoms, ou comédias de situação, têm um modelo importado nos Estados Unidos. Geralmente, existe um elenco fixo, que vive situações cotidianas, cômicas, normalmente gravadas com a presença de platéia.

GU - Você saberia explicar o porquê de haver uma cultura mais forte em termos de telenovelas do que de minisséries, sitcoms e séries no Brasil?

AMB - A telenovela vem de uma tradição muito antiga, que remete aos folhetins. O melodrama está enraizado na tradição latina, conforme afirma o teórico da comunicação Jesús Martín-Barbero. Diferente das minisséries, as telenovelas acompanham as pessoas no seu dia a dia, permitem inserções políticas, merchandising; tornam-se dessa forma, uma espécie de espaço público de discussão. Entretanto, as minisséries têm outro poder, o de demarcar épocas, personagens e biografias. Podem aprofundar temas e trajetórias mais específicos. Cada um tem o seu nicho na riqueza na produção brasileira. Devemos ter orgulho disso, do nosso fazer, trata-se de um fazer teledramatúrgico próprio da nossa cultura. Barbero afirma que os países que não desenvolvem seu próprio modo de fazer televisão acabam tendo que importar modelos de ficção televisual alheios à sua cultura.

GU - **No seu estudo, você analisa diferentes estilos de minisséries nacionais: biográficas (Maysa e Dalva e Herivelto), baseadas em quadrinhos (Aline), baseadas em linguagens adaptadas do teatro, da televisão e da literatura (Som e Fúria) e policiais (Na Forma da Lei). Como a convergência de mídias está transformando as minisséries?**

AMB - No caso das séries mencionadas, trata-se de um grupo de pesquisa que dirijo na Universidade Paulista (Unip), formado pelos colegas, Prof. Dr. Geraldo Carlos Nascimento, Profa. Dra. Solange Wajnman, mestre Márcio Soares e pelos mestrandos, Rita de Cássia Ibarra, Marco Antonio Bichir, Cristiane Alves Azevedo de Souza, Silvia Cristina Jardim e Florcema Bacellar. Esse grupo se insere nas pesquisas do Centro de Estudos de Telenovela – CETVN e pela Obitel – Observatório Iberoamericano da Ficção televisiva, coordenados pela Profa. Dra. Maria Immacolata Vassallo de Lopes. O grupo redigiu um capítulo do Anuário da Obitel deste ano, referente ao Biênio 2009-2010 da produção teledramatúrgica brasileira editado pela Profa. Dra. Maria Immacolata Vassallo de Lopes. As séries estão ficando cada vez mais fragmentadas e os gêneros se tornam híbridos. Há uma tendência de mescla de gêneros espalhados por diversas plataformas, conforme afirma o estudioso Henry Jenkins. Em Maysa, assim como em Dalva e Herivelto, houve a incorporação do universo da música, do show e da discografia. Em Aline, os traços minimalistas dos quadrinhos são transpostos para uma narrativa tipicamente televisual com várias referências intertextuais. Em Som e Fúria, há uma transposição do literário a encenação teatral e desta para a TV. Além disso, há o entrelaçamento entre o real e o fictício, a comédia e a tragédia. Em Na Forma da Lei, há uma mescla entre gênero policial clássico, séries policiais americanas e a realidade brasileira, tal como vista em filmes nacionais recentes como Tropa de elite e Cidade de Deus. Segundo Jenkins, na narrativa transmidiática, cada meio dá o melhor de si e transforma os outros. É aconselhável conhecer as linguagens dos diferentes meios para compreender a narrativa transmidiática.

GU - **Você poderia citar uma minissérie nacional que tenha sido marcante na sua trajetória profissional e/ou pessoal?**

AMB - Eu citaria Grande Sertão: Veredas, minissérie adaptada da obra de Guimarães Rosa, em 1985. Escrita por Walter George Durst e dirigida por Walter Avancini, a minissérie foi um objeto de estudo muito rico. Lembro com alegria que, na época em que eu ministrava aulas de pós-graduação sobre adaptações da literatura a TV, tanto Walter George Durst, o roteirista, quando Julio Medalha, maestro responsável pela trilha sonora da série, nos honraram com sua presença na aula de enceramento. Felizmente, no Brasil, é difícil escolher entre tantas séries de qualidade sem cometer injustiças. As que mais me marcaram são as que abordam a temática do feminino, como Chiquinha Gonzaga, Hilda Furacão, Um só coração, A casa das sete mulheres e tantas outras....

[Siga @tvguniversidade](#)



- Link